

SEMÂNTICA: UM ESTUDO DIACRÔNICO¹

SEMANTICS: A DIACHRONIC STUDY

Janette Mariano Godois² e Laurindo Dalpian³

RESUMO

Uma abordagem acerca das alterações no significado das palavras, das consequências da alteração, bem como das palavras que mudaram seu significado na passagem do latim para o português é a questão que norteia esta pesquisa. A semântica, especialmente a histórica, ficou por muito tempo esquecida enquanto se priorizavam os estudos sintáticos, morfológicos, fonéticos, e renasceu com novas investidas nesse campo a partir de 1883. Nesse contexto, destacou-se Bréal, a quem é atribuída a criação do termo *Semântica*. A partir daí, os estudos semânticos têm recebido importantes contribuições de pesquisadores como Stephen Ullmann, Luciano Amaral Oliveira, Maria Helena Duarte Marques, Manoel Said Ali, Silveira Bueno, que embasam a presente pesquisa, que é de cunho bibliográfico. Apesar dos avanços nesse campo, ainda há muitas questões que precisam ser esclarecidas para que a Semântica se configure como uma ciência verdadeiramente autônoma. O conceito de significado e um consenso sobre o objeto de estudo da semântica estão entre essas questões. Pôde-se perceber que qualquer palavra está suscetível a mudanças no significado, porém as mais utilizadas pelos falantes é que estão mais sujeitas às alterações.

Palavras-chave: significado, alterações semânticas, palavra.

ABSTRACT

An approach about changes in the meaning of words, the consequences of this change, and the words that changed their meaning in the passage from Latin to Portuguese is the question that guides this research. Semantics, especially the historical aspects

¹ Trabalho apresentado ao Curso de Especialização - UNIFRA.

² Aluna do Curso de Especialização em Linguagem e Representação - Ênfase em Linguística - UNIFRA. E-mail: janettegodois@gmail.com

³ Orientador - UNIFRA.

of this field, was forgotten by a long period, when the syntactic, morphological and phonetic studies reached greater importance, resurfacing with new advances that appeared from 1883. In this context, Bréal won more importance and is attributed the creation of the term Semantics. Thereafter, the semantic studies have received important contributions of researchers such as Stephen Ullmann, Luciano Amaral Oliveira, Maria Helena Marques Duarte, Manuel Said Ali, Silveira Bueno, whose appointments underlying this bibliographical research. Despite the advances in this field, there are still many issues that need to be clarified so Semantics may become a truly autonomous science. The concept of meaning and a consensus about the study object are among these issues. We could see that any word meaning is susceptible to change, but the most commonly used by speakers are more prone to changes.

Keywords: *meaning, semantics changing, word.*

INTRODUÇÃO

A preocupação com os fenômenos relacionados à linguagem, entre eles o que se refere ao significado, é bastante remota. Uma das primeiras gramáticas a abordar questões relacionadas ao significado data do século I a. C., na qual se privilegiavam os estudos morfológicos, sintáticos e etimológicos. Juntamente com os estudos etimológicos, o significado das palavras já era referido. Apesar de ter sido abordada há bastante tempo, a semântica não mereceu destaque no trajeto dos estudos linguísticos.

Assim, este estudo é relevante, já que a semântica é uma área da linguística pouco explorada pelos estudiosos dos fenômenos da linguagem. A gramática normativa se ocupa basicamente da semântica descritiva no que se refere ao estudo dos significados, deixando de lado a semântica histórica. Além disso, o trabalho é relevante pela importância de se entender os fenômenos que contribuem para que as palavras mudem de significado no decorrer do tempo. De acordo com a perspectiva de Oliveira (2008, p. 23), a recusa de alguns linguistas em estudar os fenômenos semânticos pode estar relacionada à proximidade estabelecida pela semântica entre a filosofia e a linguística.

A escolha do tema previu também a possibilidade de contribuir para o ensino de língua portuguesa, pois é importante que o professor tenha conhecimento da origem dos significados das palavras que compõem o idioma, bem como dos aspectos que interferem nesse significado. Dessa forma, é possível garantir uma educação mais qualificada, além de proporcionar aos

alunos a possibilidade de um conhecimento interdisciplinar, pois os aspectos que contribuem para as alterações semânticas são variados e englobam fatos históricos, religiosos, geográficos, entre muitos outros.

Diante disso, o propósito, aqui, é investigar aspectos diacrônicos de semântica, tendo como embasamento a visão de pesquisadores que abordam a semântica histórica. Além disso, se faz uma tentativa de reconhecer fatores que influenciaram o processo de mudança, de identificar a classe de palavras mais afetada pelas alterações de significado, de descobrir palavras que estão em processo de alteração semântica e de identificar palavras que alteraram o significado do latim para o português.

Inicialmente, são apresentadas questões teóricas acerca da semântica, de acordo com a visão de linguistas que abordam o tema. São apresentados fatores e causas que favorecem as alterações semânticas e, posteriormente, são identificadas palavras que foram afetadas no que se refere ao seu significado, bem como os fatores que interferiram no significado dessas palavras. Além disso, na última seção, constam algumas palavras que modificaram o significado do latim ao português.

Diversas são as unidades significativas da linguagem: texto, oração, palavra, radical, afixos, desinências. Todos esses aspectos podem ser analisados quanto à sua semânticidade e representam uma parcela bastante importante nos estudos sobre a linguagem, mas, aqui, servirá como objeto de análise, a palavra.

REFERENCIAL TEÓRICO

SEMÂNTICA: A CIÊNCIA DO SIGNIFICADO

Os campos relacionados à linguagem e à escrita são variados. Entre eles estão a sintaxe, a morfologia, a pragmática, a semântica. Esse último, a ciência que se ocupa do significado das palavras, recebeu esse nome somente em 1883. Bréal, que é considerado o fundador da semântica moderna e criador do termo, referiu-se ao estudo do significado como uma introdução à ciência que chamou de semântica. O autor pretendeu, com seu **Ensaio de Semântica**, texto no qual apresenta o nome da nova ciência, “marcar algumas divisões, como um plano provisório sobre um domínio ainda não explorado, e que reclama o trabalho combinado de várias gerações de linguistas” (BRÉAL, 1992, p. 20). Hoje, pode-se perceber que Bréal tinha razão nas suas afirmações, pois desde 1883 até agora são mais de duzentos anos e ainda não há uma definição sobre muitos aspectos que se referem ao estudo da significação.

Com relação aos aspectos que podem mudar em uma língua, Faraco (2005) afirma que as mudanças podem ser fonético-fonológicas, morfológicas, sintáticas, semânticas, lexicais, pragmáticas. Para o autor, o nível mais estudado até agora em linguística é o fonético-fonológico. Os demais, entre eles o semântico, são, em geral, menos desenvolvidos.

O significado das palavras, na maioria das vezes, é determinado pelos falantes, especialmente no que se refere às alterações de significado. Pouco resultado têm as imposições por proibições ou leis. Na história do Brasil, vários são os exemplos de tentativas de mudar o significado das palavras ou atribuir uma palavra nova para determinado significado.

Pereira Junior (2012) apresenta uma cronologia de fatos relacionados à semântica das palavras. Começa com um exemplo de 1955, em que o jornalista Fernando Levisky propôs que se retirassem sinônimos considerados ofensivos em obras escolares. Com isso, acepções como judeu (avarento), negro (maldito), brasileira (cachaça), favela (morada de negros e malandros) foram excluídas do Dicionário Contemporâneo (1958), de Caldas Aulete. Em junho de 1961, o presidente da República Jânio Quadros decretou que o Dicionário Prático da Língua Portuguesa, de Silveira Bueno, retirasse “conceitos que não podem ser levados em país cristão e democrático à mocidade”, como judeu, judiação, negro, jesuíta e favela. A questão foi esquecida após a renúncia de Jânio. Em 1999, o movimento contra o preconceito relacionado à aids fez com que a imprensa passasse a usar o termo soropositivo em vez de aidético. Em 2005, a Secretaria Especial de Direitos Humanos lança uma cartilha com 96 termos que deveriam ser evitados por funcionários públicos. A propósito, o termo aidético estava na lista, assim como barbeiro (motorista inabilidoso), conservador e “A coisa tá preta”. Além desses termos, a nomenclatura funcionário público também deveria ser evitada, pois, segundo a cartilha, a expressão acabou desprestigiada depois de sistemáticas campanhas contra o serviço público. Os ocupantes de cargos públicos preferem ser referidos como servidores públicos. As críticas foram tantas que o governo resolveu retirar a cartilha de circulação. Em 2008, o deputado federal Frank Aguiar pediu ao Ministério do Trabalho que trocasse o termo faxineiro por profissional de limpeza, na Classificação Brasileira de Ocupações, que define a nomenclatura de atividades na carteira de trabalho. Há quem questione sobre o que preferiria um faxineiro: ser chamado de profissional da limpeza ou que o deputado lutasse por um salário mais condizente com o ofício desses profissionais.

Outros casos semelhantes a esses podem ser citados. Recentemente, o governo do Chile fez uma tentativa de retirar o termo ditadura dos livros didáticos

e substituí-lo por regime. Provavelmente, com a intenção de tornar mais brando o período em que foram cometidas diversas atrocidades contra os civis.

Diante desse contexto, é possível perceber o quanto o significado das palavras é relevante em todos os níveis sociais e o quanto pode interferir em tantos aspectos na vida das pessoas.

O OBJETO DE ESTUDO DA SEMÂNTICA

É um tanto simplista afirmar que o objeto de estudo da semântica é o significado. Antes de tudo, seria necessário um consenso entre os linguistas sobre o que é significado. Para Ullmann (1964, p. 111), “o significado é um dos termos mais ambíguos e controversos da teoria da linguagem”. Segundo ele, o significado da palavra “é a relação recíproca e reversível entre o som e o sentido” (1964, p. 117), ou seja, se alguém ouvir uma determinada palavra pensará no objeto que ela nomeia e compreenderá seu significado.

Para Marques (2001, p. 15), os estudos semânticos não foram ainda amplamente estudados devido à falta de um conceito “preciso, consensual e abrangente do que seja semântica”. Para a autora, todas as definições de semântica e delimitações a respeito do seu objeto de estudo são parciais e insuficientes. A autora ainda afirma que o conhecimento que se tem a respeito de significado numa perspectiva científica é insignificante, mas que é inegável a importância do significado no que se refere à língua.

Para Oliveira (2008), é difícil afirmar com precisão o objeto de estudo da semântica, o qual pode ser o significado das palavras, as condições de verdade das sentenças, as mudanças de significado ou os atos de fala. Para ele, a questão epistemológica mais séria para a semântica é a falta de uma resposta para a pergunta: “O que é significado?” Por outro lado, o autor afirma que “a ausência de uma definição consensual não é justificativa para que não se dê um pouco mais de atenção aos estudos do significado. Afinal, não há uma definição consensual de língua e, nem por isso, ela deixa de ser estudada”. Como se sabe, a língua é o objeto de estudo da linguística.

Um dos motivos desse “abandono” da semântica, conforme Roth (1998), talvez se deva à dificuldade de determinar seu objeto de estudo, já que não há uma determinação a respeito do que seja significado. Além disso, alguns linguistas não fazem distinção entre significado e sentido. No contexto dessa pesquisa, adotou-se o termo significado em vez de sentido, por entender que este último está relacionado às questões pragmáticas e o primeiro, às questões semânticas.

ALTERAÇÕES SEMÂNTICAS

Não é de hoje que os aspectos referentes ao sentido das palavras são abordados. Salústio, em **A conjuração de Catilina**, com certa ironia, afirma que “nós perdemos o verdadeiro sentido das palavras, porque ser pródigo com os bens dos outros chama-se generosidade; a audácia nos crimes chama-se bravura” Salústio (apud DALPIAN, 1988, p. 105). Afirmação semelhante pode ser feita com relação ao Hino Rio-grandense, que canta os feitos durante a Revolução Farroupilha: “Sirvam nossas façanhas de modelo a toda a terra”. Aqui, pensando como Salústio, o verdadeiro sentido de façanhas também está perdido quando se incluem entre elas os negros nas frentes de batalha e a apropriação indevida (o verdadeiro sentido está oculto) de gado. A própria palavra revolução merece ser revista, já que o combate não veio do povo e sim de estancieiros, que defendiam seus interesses. Nesse contexto, vale a afirmação de Bréal (1992, p. 78): “É preciso ver o inevitável efeito de uma falsa delicadeza: dando nomes honestos às coisas que não o são, desonram-se os nomes honestos.”

Da mesma forma como o sentido das palavras varia de acordo com o contexto, o significado também pode mudar, de forma temporária ou permanente. De acordo com Andrade (2011, p. 1), “assim como as palavras mudam sua forma e sua sintaxe através dos tempos, também seu significado vai se modificando com o passar dos anos, em decorrência de uma série de fatores sociais e culturais”.

Com relação às alterações semânticas, Said Ali (1971, p. 55), afirma que

alteração de uma espécie anda quase sempre ligada a uma ou mais alterações de espécie diferente. O domínio semântico de um termo aumenta ou diminui com perda ou lucro do domínio de outro termo. Um vocábulo sofre certa mudança semântica muito característica; já outros vocábulos do mesmo tipo, nas mesmas condições, permanecem sem modificação alguma ou alteram o significado de maneira muito diversa.

De acordo com a perspectiva de Said Ali (1971), não é possível admitir que as palavras modifiquem seu significado de acordo com tendências ou leis, como apregoaram alguns linguistas. Bréal (1992) também demonstra não acreditar que as palavras tenham tendências relacionadas às alterações de significados, ou a qualquer outro aspecto. Segundo ele, nada no fundo é mais quimérico do que acreditar em tendências. De fato, parece pouco provável que as mudanças de significado das palavras possam seguir leis, já que são muitos os fatores que

podem contribuir para as alterações semânticas.

Levando-se em consideração que a língua é viva e sofre modificações como todo ser vivo, é possível concluir que as palavras estão em constante aperfeiçoamento de forma a satisfazer as necessidades dos que dela fazem uso. Nesse sentido, o significado das palavras é móvel e pode restringir-se, expandir-se, enfim, adaptar-se.

Para Bréal (1992), há mudanças que se explicam pela própria natureza das palavras. Essas mudanças estão relacionadas à restrição do sentido, à ampliação do sentido, à metáfora, às palavras abstratas e ao espessamento do sentido, à polissemia, aos nomes compostos e aos grupos articulados.

Ullmann (1964) faz distinção entre fatores que favorecem as alterações semânticas e as causas da alteração semântica. Um dos fatores elencados por Ullmann (1964) está relacionado ao modo descontínuo como uma língua é transmitida de uma geração para outra, ou seja, as crianças podem cometer equívocos em relação ao significado das palavras e, se esse equívoco não for esclarecido, elas criarão uma mudança semântica. Além disso, a imprecisão do significado e a perda de motivação podem interferir no significado das palavras. A polissemia é capaz de introduzir na língua um elemento de flexibilidade. Nesse aspecto, o autor afirma que uma palavra pode tomar um significado novo sem perder o significado inicial, e isso pode ter curta duração, mas também pode ocorrer que o significado novo se torne permanente e substitua o original. As alterações semânticas podem ocorrer em contextos ambíguos, isto é, uma palavra pode ser tomada em dois sentidos diferentes e o significado da expressão no seu conjunto permanecer inalterado. Para o autor, o fator mais importante que favorece a mudança semântica é a estrutura do vocabulário, pois esse é “uma estrutura instável em que as palavras individuais podem adquirir e perder significados” (ULLMANN, 1964, p. 390).

As causas da mudança semântica defendidas por Ullmann (1964) podem ser linguísticas, históricas, psicológicas. Além dessas, o autor defende que a influência estrangeira e a necessidade da criação de um nome novo também podem contribuir para as alterações de significado.

As mudanças por causas linguísticas ocorrem quando o sentido de uma palavra pode ser transferido para outra por serem utilizadas simultaneamente num mesmo contexto.

As causas históricas contribuem para as mudanças de significado relacionadas a objetos, instituições, ideias, conceitos científicos, que mudam no

¹ BORDINI, Maria da Glória. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 41, n. 3, p. 11-22, setembro, 2006.

decorrer do tempo, mas que conservam o nome. Entre os objetos citados por Ullmann (1964), o carro de hoje, que vem do latim *carrus* (carro) e significava, já no séc. I a. C., veículo de quatro rodas, quase nada tem a ver com os veículos daquela época, mas conserva o nome. Outra palavra citada pelo autor que está etimologicamente incorreta é átomo, composta por *a* (negação) mais *tomo* (parte), do grego indivisível. Hoje, sabe-se que o átomo pode ser fragmentado.

Entre as causas psicológicas, estão as alterações de significado devidas ao tabu. Para Ullmann (1964, p. 408), tabu geralmente significa alguma coisa proibida e “é de importância vital para o linguista porque impõe uma proibição não só sobre certas pessoas, animais e coisas, mas também sobre os seus nomes”. O autor exemplifica a alteração devida ao tabu citando um aspecto da vida dos judeus, que não podiam referir-se a Deus, e substituíram a palavra por Senhor, o que persiste ainda hoje, inclusive na língua portuguesa, no inglês *the Lord*, no francês *Seigneur*.

O principal motivo da tabuização dos vocábulos, segundo Bueno (1965), foi a crença de que as palavras são dotadas de força intrínseca, capaz de causar aquilo que representam. Haveria palavras benéficas, portadoras de felicidade, e malélicas, portadoras de azar.

Até mesmo os nomes próprios podem ser acometidos por alterações semânticas, especialmente, as relacionadas à extensão do significado. Um caso típico dessa alteração é a palavra amélia, que originalmente era usada, e ainda é, como um nome próprio feminino, mas, hoje, o termo já é usado para designar a mulher amorosa, passiva e serviçal (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2001). Outro caso dessa alteração está relacionado à corruptela de Manuel, nome comum em Portugal. Esse nome, reduzido, tomou um significado pejorativo: mané, que, por sua vez, significa “indivíduo sem capacidade, pouco inteligente, bobo, paspalhão” (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2009). Na concepção bem humorada de Silva (2000), compositor carioca: “Mané é um homem / Que moral não tem / Vai pro samba, paquera / E não ganha ninguém”. O motivo dessa associação do nome Manuel com o significado que tomou a palavra mané é incerto, mas é provável que esteja relacionado a um acontecimento histórico de Portugal: a fuga da coroa para o Brasil, que, com isso, demonstrou covardia e, talvez, pouca inteligência.

Ainda, com relação às pesquisas semânticas, Gabas Jr. (2006) afirma que até o presente da história da Linguística não foi possível elaborar um modelo abstrato de mudança semântica, como foi feito para as mudanças fonético-fonológicas e gramaticais. Para o autor, isso se deve à incapacidade de um só modelo de análise semântica abarcar todas as questões que envolvem o significado. De fato, uma só teoria não daria conta da complexidade do assunto, já que aí estão

envolvidas questões históricas, psicológicas, sociais, linguísticas, filosóficas, entre tantas outras. Com essas afirmações, é possível concluir que ainda falta um bom caminho para se chegar a uma determinação de todos os aspectos relacionados ao estudo do significado das palavras.

Ullmann (1964) apresenta também a metáfora, a metonímia, a semelhança de nomes, a contiguidade de nomes, ou seja, a elipse como causadoras de mudanças semânticas. A metáfora e a metonímia, por se considerar que são as mais abrangentes no que se refere às alterações semânticas, estão descritas a seguir.

O filme **O carteiro e o poeta** apresenta uma aplicação bastante comum da metáfora na poesia. O carteiro, que tinha interesse em fazer poesias para sua amada, pede ao poeta que o ensine a criá-las. O poeta, com muita má vontade, diz-lhe que, em primeiro lugar, deve aprender a criar metáforas.

Não só na poesia, como na linguagem corriqueira, é comum o uso dessa figura de linguagem. “O mar está cheio de cavalos, de cães, de anêmonas, de estrelas; o jardim está cheio de bocas-de-lobo, de línguas-de-sogra, de bolas-de-neve; e muito mais poderíamos citar, pés-de-cabra, criados-mudos, amores-perfeitos [...]” (GUIRAUD, 1972, p. 65).

As partes do corpo humano são bastante inspiradoras da linguagem metafórica: os pés da mesa, os braços da cadeira, a cabeça do alfinete, o orelhão (telefone público), a garganta do diabo e tantas outras. Nesses casos, também ocorre o processo chamado catacrese que, segundo Dubois et al. (1978 , p. 101), “é uma metáfora, cujo uso é tão corrente que não é mais sentida como tal.”

Segundo Bueno (1965, p. 167), “a metáfora consiste no emprego de um símbolo por outro, mas de ordem diferente. Não está em comparar símbolo com símbolo, mas no fato de empregar um símbolo tão fora do seu meio natural que, através dele, seja a mente humana levada a evocar o outro”. A metáfora não deixa de ser uma comparação, porém sem o uso de elementos comparativos. Em vez de se afirmar que determinada formação montanhosa na cidade de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, se abre como a Garganta do Diabo, o que seria uma comparação, a metáfora ocorre quando se afirma que o referido lugar é a Garganta do Diabo.

Dubois et al. (1978 , p. 411) têm uma visão um pouco diferente da concepção de Bueno. Para os autores, “a metáfora consiste no emprego de uma palavra concreta para exprimir uma noção abstrata, na ausência de todo elemento que introduz formalmente uma comparação.”

A literatura também está repleta de metáforas. Machado de Assis (1992), em **Dom Casmurro**, diz que “A vida é uma ópera e uma grande ópera.”; “a minha imaginação era uma grande égua ibera”; “A insônia, musa de olhos arregalados

[...]”; “A alma da gente, como sabes, é uma casa assim disposta, não raro com janelas para todos os lados, muita luz e ar puro”.

Assim como a metáfora, a metonímia também contribui para que ocorram mudanças semânticas e, segundo Ullmann (1964), esta é menos interessante que a metáfora, já que não descobre relações novas e surge apenas entre palavras já relacionadas entre si, mas, mesmo assim, constitui um fator importante na mudança semântica.

Com relação à metonímia e à metáfora, Garcia (2001) diverge da opinião de Ullmann (1964) quando afirma que aquela é muito mais comum como processo propiciador da mudança de significado do que esta. Isso porque a metáfora é um processo que envolve uma similaridade de significados, enquanto que a metonímia envolve uma contiguidade de significados. Para o autor, para que haja uma similaridade entre dois significados, é preciso que haja uma relação entre um significado e outro; já para haver uma relação de contiguidade entre dois significados, basta que os fatores que constituem um dos significados tenham algo a ver com os fatores do outro significado, ou seja, que os dois significados tenham algum ponto em comum. O ponto em comum pode abranger diversos tipos de relação, como parte-todo, continente-conteúdo, lugar-coisa, coisa-característica, causa-efeito, autor-obra, formas, objetivos ou funções comuns.

Bueno (1965) traz um exemplo que muito bem ilustra o processo metonímico de alteração pelo qual as palavras passam: *mantica*, que em latim era um saco no qual se guardava gordura, passou para o português *manteiga* e significa a própria gordura.

Para Oliveira (2008), a metonímia, que consiste na substituição de um nome por outro, que tenha alguma característica em comum com o substituído, contribui para as mudanças semânticas. A palavra gilete é usada pelo autor para exemplificar o fenômeno. Segundo ele, originalmente designava a marca da lâmina de barbear; na linguagem popular, passou a significar qualquer lâmina de barbear.

Todos esses fatores e causas apresentados acabam, segundo Ullmann (1964), desencadeando consequências da mudança semântica. Essas consequências estão relacionadas à extensão e à restrição do significado e ao desenvolvimento de significados pejorativos ou ameliorativos.

CONSEQUÊNCIAS DA MUDANÇA SEMÂNTICA

As alterações semânticas, sejam elas de qual natureza forem, acarretam consequências, que estão relacionadas à restrição de significado, à extensão de significado, ao desenvolvimento de significados pejorativos e ameliorativos. Essas

consequências são descritas e analisadas a seguir.

Para Ullmann (1964), a restrição de significado ocorre quando se aplica uma palavra a menos coisas do que se aplicava, mas que diz muito mais a respeito delas, ou seja, restringiu-se o âmbito, mas o significado enriqueceu-se. O autor cita a palavra inglesa *voyage*, que significava uma viagem qualquer, como ainda hoje em francês. Com o passar do tempo, o significado da palavra inglesa restringiu-se e passou a ter ligação apenas com viagem por mar ou por água.

Oliveira (2008) vê a restrição como o processo no qual o significado, que se aplicava originalmente a um referente genérico, passa a ser aplicado a um referente específico. Em algumas localidades no interior da Bahia, o significado de animal se restringiu e passou a ter ligação apenas com cavalo, égua, burro e mula.

Por outro lado, a extensão de significado, segundo Ullmann (1964), é um processo menos comum que a restrição, porém, para ele, os casos de extensão semântica são bastante frequentes em muitas línguas. Ele cita, como exemplo, a palavra francesa *panier* (cesto), que vem do latim *pānārium* (cesto do pão), derivado de *pānis* (pão). A palavra, quando perdeu a relação com pão, podia ser aplicada a mais objetos do que antes, mas seu significado empobreceu por perder um traço distintivo.

Já Oliveira (2008) prefere usar o termo generalização em vez de extensão. Para ele, generalização consiste no processo em que o significado de uma palavra deixa de ser aplicado a um referente específico e passa a ser aplicado a um referente genérico, ou seja, é o processo inverso ao da restrição. Ele cita a palavra inglesa *dog*, que era usada para se referir a uma determinada raça de cachorro, mas que agora se refere a qualquer raça de cachorro.

Além da restrição e da extensão de significado, o desenvolvimento de significados pejorativos também é bastante comum com relação às consequências da mudança semântica.

Segundo Ullmann (1964, p. 461), “os desenvolvimentos pejorativos são tão comuns na linguagem que alguns dos primeiros semânticos os consideravam como uma tendência fundamental, um sintoma de uma ‘veia pessimista’ na mente humana”.

Para Bréal (1992, p. 78), a pretensa tendência pejorativa das palavras está relacionada com a natureza da malícia humana, que tem “prazer em encontrar um vício ou um defeito por detrás de uma qualidade”. O autor usa, como exemplo de significado pejorativo, a palavra alemã *keck*, que significava vivente, vivo, e hoje significa ousado, descarado.

Na visão de Oliveira (2008), o desenvolvimento pejorativo que as palavras desenvolvem ao longo do tempo está relacionado ao preconceito. Ele cita

o exemplo da palavra paraíba, cujo significado, entre outros, se refere a “operário da construção civil não qualificado”. O que, segundo o autor, ofende a tribo indígena Paraíba, o estado da Paraíba e os próprios operários.

Enquanto os significados pejorativos deterioram o sentido das palavras, os ameliorativos, por sua vez, contribuem para amenizar um significado negativo. Oliveira (2008) cita, como exemplo dessa consequência, a palavra *monstro*, do latim *monstrum* (monstro), que, na sua origem, significa um corpo com conformação anômala, animal ou pessoa assustadora e que hoje tomou um significado positivo quando se diz, por exemplo, que o “Pelé é um monstro sagrado do futebol”. Apesar dessa alteração ameliorativa da palavra em determinados contextos, o significado original se manteve.

METODOLOGIA

A metodologia dessa pesquisa foi de cunho bibliográfico. A pesquisa bibliográfica, segundo Toledo e Gonzaga (2011), é aquela que se vale de fontes escritas e é feita em etapas. Essas etapas estão relacionadas à escolha do tema e da bibliografia, formulação do problema, entre outros. Para o autor, a pesquisa bibliográfica não depende só dos procedimentos técnicos, mas também do conhecimento prévio que o pesquisador tem do assunto a ser pesquisado.

Para a execução deste trabalho, foram listadas palavras que tiveram seu significado alterado na língua portuguesa, identificadas aleatoriamente, em situações de linguagem do dia a dia, como leituras, conversas, programas de televisão. Também, por meio de dicionários, foram identificadas algumas palavras que mudaram o significado na passagem do latim para o português. Além disso, foi feita uma análise na tentativa de identificar os fatores que contribuíram para as alterações de significado das palavras selecionadas.

Buscou-se, nos dicionários etimológico, latino e da língua portuguesa, a origem e o significado das palavras.

Os substantivos latinos são citados em caso nominativo conforme o dicionário latino e, entre parênteses, aparecem em latim vulgar. A forma vulgar vem no caso acusativo singular da primeira, segunda e terceira declinações, com a apócope do *m*. Na segunda declinação, o *u* sofre abaixamento para *o*. Os verbos latinos são apresentados no modo infinitivo.

Como as palavras estão em constante mudança, foram listadas algumas que estão em processo de alteração semântica na língua portuguesa. Além disso, fez-se uma tentativa de identificar quais os processos que estão interferindo nessas alterações. A identificação desses fatores ficará a cargo de pesquisadores futuros que poderão

dar seguimento à pesquisa, já que a pesquisa “é uma atitude e uma prática teórica de constante busca que define um processo intrinsecamente inacabado e permanente. É uma atividade de aproximação sucessiva da realidade que nunca se esgota, fazendo uma combinação particular entre teoria e dados” (MINAYO, 1992, p. 23).

ANÁLISE E DISCUSSÃO

IDENTIFICAÇÃO DAS CAUSAS

A seguir, é apresentada uma tentativa de identificar palavras que tiveram alterações no significado, bem como apresentar os fatores e causas responsáveis por essas alterações. Além disso, são identificadas, posteriormente, as consequências da mudança semântica em palavras afetadas no que se refere ao seu significado.

Causas linguísticas

Entre as causas linguísticas, na língua portuguesa, podem ser citados casos como “Pois não”, que tem um significado afirmativo. Por outro lado, a expressão “Pois sim!”, que, dependendo do contexto, pode adquirir um significado negativo ou de ironia. Esses casos estão mais inclinados para a pragmática, que não é o foco desta pesquisa. Porém, considerando que não há um consenso a respeito do que seja significado e sentido, já que na semântica, em certas situações, esses dois conceitos se confundem, a pragmática e a semântica se aproximam bastante.

Causas psicológicas

Um exemplo de mudança por causas psicológicas é o tabu de medo, que ainda hoje desperta nas pessoas a possibilidade de causar aquilo que representa. Um exemplo desse tabu está relacionado à palavra “*morte*”, do latim *mors* (morte). Em vários momentos da história, a palavra recebeu nomenclaturas diferentes. Na atualidade, é comum o uso da expressão “*alguma coisa*” para se referir a esse momento que dá fim à vida: “Se alguma coisa me acontecer”, isto é, “Se eu morrer”. Nesse caso, não foi a palavra morte que teve o significado alterado, mas a expressão que a substitui, ou seja, alguma coisa passa a significar morte, além de tantos outros significados a que pode estar relacionada. Pode-se afirmar que a expressão, nesse caso, sofre uma ampliação de significado. Outra palavra usada em substituição a morte, e que reforça a tabuização do termo, é desaparecimento.

Metáfora

Além dos exemplos citados por Guiraud (1972), expostos anteriormente, também têm motivação metafórica palavras como copo-de-leite e brinco-de-princesa, nomes de flores, e pneu, redução de pneumático. Essa última, quando usada para se referir à gordura localizada na região da cintura. Como é óbvio, por ter a forma análoga a um pneu.

A analogia, como processo metonímico que favorece mudanças semânticas, é bastante produtiva no que se refere à criação de novos significados. O pássaro conhecido como *cardeal* deve seu nome à relação analógica com o cardeal, membro da igreja católica que tem, na sua indumentária, a cor vermelha como predominante. Como o pássaro tem a cor vermelha em parte da sua plumagem, recebeu o nome de cardeal (NASCENTES, 1955). Já Vasconcelos (apud NASCENTES, 1955) atribui o nome da ave à etimologia popular, que transformou a palavra latina *carduele*. O religioso católico, por sua vez, tem esse título derivado do termo *cardeal*, do latim *cardinale*, em português gonzo ou eixo, algo que gira, neste caso, em torno do Papa (NASCENTES, 1955). Seja qual for a etimologia do nome do pássaro, o processo metafórico é evidente.

Metonímia

Na linguagem oral, leite, do latim *lac (lacte)*, passa por um processo metonímico na frase popular: “Comprar o leite das crianças”. Aqui, leite significa qualquer alimento e pode, além disso, alargar o significado para o sustento relacionado a todo o gasto necessário com uma criança.

Outro caso de metonímia ocorre nas transações comerciais em que, apesar de o uso dos cartões de crédito estar disseminado, ainda é comum o pagamento com cheque pré-datado. A expressão cheque pré-datado foi restringida para cheque pré e, conseqüentemente, para cheque. Então, nesse contexto, pagar com cheque significa pagar com cheque pré-datado.

Causas históricas

Aqui, cabe a palavra maçaneta, que nada mais é do que o diminutivo de maçã. Hoje, poucas maçanetas têm o formato semelhante a uma pequena maçã, mas o nome se manteve.

CONSEQUÊNCIAS DA MUDANÇA SEMÂNTICA

Perceber as consequências da mudança semântica é uma tarefa bem menos árdua do que identificar as causas e fatores que favorecem as alterações de significado.

Significados ameliorativos

Uma palavra que, em determinadas situações, tem um significado ameliorativo é nojo, do latim *nausea* (nausea), enjoo. Quem nunca ouviu ou até mesmo usou a expressão: “*Que nojo!*” ao ver a beleza ou os modos graciosos de uma criança?

As palavras sinistro e irado na linguagem dos jovens, adquirem um significado ameliorativo. O primeiro vem do latim *sinistru* (sinistro) - esquerdo, ou seja, o lado desfavorável, dos maus agouros e o segundo, do latim *ira* (ira), que por sua vez significa cólera, raiva, indignação (NASCENTES, 1955). Essas palavras, apesar de terem um significado inicial negativo, no uso oral, como gíria, significam algo positivo.

É preciso esclarecer que os exemplos citados para ilustrar os significados ameliorativos estão mais voltados para as questões pragmáticas, já que o significado não mudou, apenas o sentido é alterado em certos contextos orais. Porém as mudanças de significado geralmente ocorrem a partir da oralidade, e palavras como essas podem vir a ter seu significado alterado de forma permanente.

Significados pejorativos

No Brasil, a palavra troglodita é usada com o sentido de grosseiro, rude, mas na Tunísia denomina o povo que vive em cavernas que, ainda hoje, são cavadas em colinas com a finalidade de proteger os moradores do calor excessivo do dia, bem como do frio extremo à noite. A associação com o ser humano primitivo aproximou o sentido do termo troglodita ao dos sujeitos rudes.

“*Tosco*” é outra palavra que adquiriu significado pejorativo. A etimologia é um tanto incerta, e a palavra pode derivar do latim *toscu* (tosco), áspero, rude ou ter origem no bairro etrusco de Roma, *Toscus Vicus*, ou seja, o lugar de residência da classe inferior (NASCENTES, 1955). Hoje, *tosco* significa aquilo “que se apresenta tal como veio da natureza; que não foi lapidado nem polido; feito sem apuro ou refinamento; grosseiro, rústico” (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2009).

Outra palavra que ilustra o desenvolvimento pejorativo é vândalo, povo guerreiro que saqueou Roma durante os frequentes conflitos ocorridos na região. No Brasil, vândalo é aquele que destrói principalmente aquilo que pertence ao poder público, como praças, lixeiras, monumentos. Essa analogia se deve ao poder de destruição do povo vândalo.

Nessa mesma perspectiva, a palavra favela, “conjunto de habitações populares que utilizam materiais improvisados em sua construção tosca, e onde residem pessoas de baixa renda” (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2009, p. 878), adquiriu um significado pejorativo. Como geralmente as favelas são o reduto de traficantes de drogas e toda espécie de malfeitores, chamar alguém de favelado representa uma ofensa. Assim, no lugar de favela, surge o termo comunidade, com o intuito de dar mais dignidade aos habitantes do lugar e afastar a ideia de que todo habitante da favela é criminoso. No que se refere à etimologia, favela vem do latim *favus* (favo) (NASCENTES, 1955). O local recebeu esse nome, provavelmente, porque o emaranhado de casas, comum nesses lugares, lembra um favo de abelhas.

Extensão de significado

Um exemplo de extensão de significado é a palavra secretária, do latim *secretarius* (secretario), ou seja, aquele que escreve as cartas de outro, por conseguinte, aquele que sabe os segredos desse outro (NASCENTES, 1955). Secretária, feminino de secretário, se referia à mesa para guardar documentos secretos. Hoje, a palavra secretária, cujo significado diz respeito àquela que anota as decisões de uma assembleia, que é encarregada da organização e do funcionamento de uma sociedade, que tem o encargo de digitar, classificar a correspondência, tomar notas, desincumbir-se de alguns afazeres pessoais de seu chefe (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2009), também é usada para designar a empregada doméstica.

O verbo navegar, do latim *nāvigāre*, cujo significado original diz respeito a “conduzir embarcação ou aeronave em segurança, entre pontos determinados” (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2009, p. 1345), sofreu uma extensão de significado, já que é usado na linguagem da informática para representar a ação de “consultar sequencialmente diversos hipertextos, acionando os *links* neles contidos para passar de um para outro” (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2009, p. 1345).

Algumas alterações que causam extensão de significado têm origem desconhecida. É o caso de laranja, originalmente, o fruto da laranjeira, que passou a designar também as pessoas que permitem que seu nome, em troca de recompensa

financeira, seja usado em transações ilícitas. Outro exemplo de extensão com motivação desconhecida são as palavras *facão* e *barbeiro*, usadas para se referir ao motorista inabilidoso. Não faltam hipóteses para justificar essas alterações, porém não há nenhuma comprovação inequívoca que justifique tais ampliações de significado.

Restrição de significado

Uma palavra que parece estar em processo de restrição de significado é “*usuário*”, do latim *usus* (*uso*), emprego, utilidade, uso. Portanto, usuário é aquele que usa. Devido à relação com o uso de drogas, a palavra usuário está se restringindo e nomeando aqueles que usam substâncias entorpecentes. Além do processo de restrição de significado pelo qual a palavra provavelmente esteja passando, esse também é um caso de significado pejorativo, pois, não raro, o termo *usuário* remete o ouvinte a usuário de drogas.

Os verbos também podem apresentar restrições de significado. É o caso do verbo beber, do latim *bibĕre*, que se refere a engolir, ingerir um líquido qualquer. No Brasil, esse significado está bastante restrito, e tem relação quase exclusiva com o ato de ingerir bebida alcoólica. De acordo com Faria (1962), na língua latina, o verbo já era usado no sentido que é hoje na língua portuguesa. O imperador Tibério era chamado *Biberius* (*Biberio*) devido à sua inclinação para o vinho.

ALTERAÇÕES SEMÂNTICAS DO LATIM AO PORTUGUÊS

Assim como as palavras de uma mesma língua mudam o significado no decorrer do tempo, muitas palavras usadas na língua portuguesa tinham outro significado na língua latina. Não foi possível precisar o período em que sofreram tais alterações, se ainda no latim ou já no português. Como exemplo desse caso, pode-se citar a palavra *rapaz* que, em português, é usada para se referir ao homem jovem, já no latim significava “*ladrão*”. Por isso, ave de rapina, rapto.

Aqui, também se pode citar a palavra *oportuno*, do latim *opportūnus* (*oportuno*), que conduz ao porto; qualificativo primitivamente aplicado a ventos, correntes marítimas (NASCENTES, 1955). Hoje, na língua portuguesa, o significado não está mais relacionado à linguagem marítima, mas, apesar de ter-se alterado, ainda se refere a coisas favoráveis, assim como os ventos que levam as embarcações ao porto.

Também vêm da linguagem marítima os verbos *chegar* e *pregar*, que têm uma origem em comum: o verbo latino *plicāre* (*dobrar*). Como as embarcações

dobravam as velas quando chegavam ao porto, os verbos chegar e pregar se desenvolveram a partir da mesma origem. No português, o verbo “*pregar*” está relacionado a fazer dobras em tecido ou em outro material em que isso seja possível. Faggion (2012) lembra que o homônimo pregar (falar, discursar) tem outra origem, ou seja, vem do verbo latino *praedicāre* (proclamar, publicar).

Segundo a expressão popular, “Cunhado não é parente”. Não é o que comprova a etimologia, já que cunhado, do adjetivo latino *cognātus* (*cognato*), é o parente pelo sangue (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2009). Hoje, a palavra é usada para se referir ao “irmão de um dos cônjuges relativamente ao outro cônjuge, e vice-versa” (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2009, p. 585).

Um caso curioso é a origem da palavra testa (fronte). No latim, *testa* (testa) significava vaso de barro cozido (NASCENTES, 1955). Faria (1962) apresenta como significado próprio concha, casca, ostra e, a partir daí, vaso de barro, jarro. Viaro (2012, p. 1) apresenta a palavra como sinônimo de vaso, caco, telha, que passou a significar cabeça em francês e italiano (respectivamente *tete* e *testa*) ou a frente em português. Talvez seja a relação com a telha, que fica na parte de cima da casa assim como a cabeça fica na parte de cima do corpo, a origem da expressão “fazer o que dá na telha.” Seja qual for a origem, a palavra testa mudou e adquiriu um significado na língua portuguesa diferente daquele da língua latina.

Janela, do latim *janūella* (*januella*), diminutivo de *janūa* (*janua*) (porta) (NASCENTES, 1955) é outra palavra que tem o significado diferente da sua origem. Apesar de ter tido o significado alterado, não se pode negar que tem uma ligação bastante próxima com o original. Afinal, o que é uma janela senão uma porta pequena?

Como se sabe, os sufixos são bastante produtivos na formação de palavras da língua portuguesa. Companheiro (*cum + pane + eiro*), do latim *compania*, originalmente significava o grupo de pessoas que comiam o pão juntas (NASCENTES, 1955). Hoje, o sentido está bastante generalizado.

Até mesmo a mitologia grega, por meio da **Odisséia**, tem um exemplo de palavra que mudou de significado. É o caso de Mentor, do qual Minerva, deusa da sabedoria, tomou a figura para guiar e instruir Telêmaco, filho de Ulisses e Penélope (NASCENTES, 1955). Mentor passou ao português pelo latim *Mentore* (*Mentor*) e, hoje, é aquele que serve a alguém de guia, de sábio e experiente conselheiro, pessoa que inspira, estimula, cria ou orienta (ideias, ações, projetos, realizações etc.) (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2009). Vale lembrar que essa é uma palavra bastante usada no âmbito policial para se referir àquele que planeja uma ação criminosa. Por isso, parece que a palavra está adquirindo um significado pejorativo.

No Brasil, o ingresso ao curso superior é garantido pela aprovação no

vestibular. Essa palavra se refere à prova realizada pelos candidatos, e sua origem vem do latim *vestibulum* (*vestibulo*), que significa em português vestibulo, pátio de entrada de uma casa, saguão (NASCENTES, 1955). Como havia o hábito de deixar vestes ou pertences, como a roupa pesada, o guarda-chuva e o chapéu, na entrada das casas, a prova que garante a entrada do estudante na universidade recebeu o nome de vestibular.

Todas as palavras citadas nessa seção modificaram seu significado do latim para o português, mas mantiveram uma relação com o significado original.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esta pesquisa, não se pretendeu esgotar o assunto, já que as questões semânticas são bastante complexas e exigem um estudo aprofundado a respeito da etimologia das palavras, bem como de questões sociais, políticas, econômicas, culturais.

Buscou-se, aqui, identificar palavras afetadas no que se refere ao seu significado. É importante ressaltar, também, que houve a intenção de contribuir com os estudos semânticos, que carecem de pesquisas. Espera-se que, com esse trabalho, outros possam ser realizados no intuito de enriquecer a pesquisa nesse aspecto tão importante da linguagem, que é o relacionado ao significado das palavras.

Muitas vezes, as causas da mudança semântica se confundem ou mais de uma delas podem interferir na alteração do significado de uma mesma palavra, o que dificulta o estudo nesse campo. Nesse sentido, é arriscado afirmar com precisão a causa de determinada mudança. Pôde-se perceber que as palavras que mudaram de significado, de uma forma ou de outra, mantiveram uma relação com o significado original.

Outra dificuldade encontrada na realização da pesquisa foi o fato de os autores divergirem, em alguns casos, em relação às causas ou fatores de mudança.

Estudar o vocabulário da língua portuguesa exige também o estudo da língua latina, já que aquela se originou desta. Nesse estudo, foi possível perceber a proximidade existente entre essas duas línguas, além de constatar muitos fatores que interferem no significado de palavras da língua portuguesa, que têm origem na língua mãe.

É possível afirmar que qualquer palavra está sujeita a modificações no seu significado. É claro que as mais usadas pelos falantes é que estão mais suscetíveis a alterações de significado. Nessa perspectiva, Della Méa (2011, p. 15) afirma que “se é lícito que a língua se atualiza a cada enunciação, também o é que, pelo ato de enunciar, a língua se configura como tal e se renova”. Pode-se afirmar que o significado é um dos aspectos da língua que se renova, ou seja, se modifica pelo uso das palavras.

Nesse sentido, Coseriu (1979) afirma que nunca se viu uma gramática

que se modificasse sem a interferência dos falantes, nem um dicionário que se enriquecesse por sua própria conta. A língua que muda é a língua em uso, ou seja, em seu existir concreto. Para isso, a língua não pode ser isolada dos fatores externos, isto é, de tudo aquilo que constitui a fisicidade, a historicidade e a liberdade expressiva dos falantes, pois ela só se realiza quando colocada em prática. A partir das afirmações do autor, pode-se concluir que o significado das palavras é alterado pelo uso da linguagem.

O estudo dos significados possibilita entrar em diversos campos do conhecimento, como a psicologia, a filosofia, a linguística, entre outros. Justamente por essa diversidade de fatores interferentes, é que o estudo relacionado ao significado, em especial às mudanças de significado, é um estudo bastante amplo e complexo e, como afirmou Bréal (1992, p. 20), “reclama o trabalho combinado de várias gerações de linguistas”.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Letícia Pereira de. **O ir e vir semântico**. 2011. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/revista/35/08.htm>>. Acesso em: 11 out. 2011.

ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. 26. ed. São Paulo: Ática, 1992.

BRÉAL, Michel. **Ensaio de semântica: ciência das significações**. São Paulo: Pontes, 1992.

BUENO, Silveira. **Tratado de semântica brasileira**. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1965.

COSERIU, Eugenio. **Sincronia, diacronia e história: problemas da mudança linguística**. Tradução Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: Universidade de São Paulo, 1979.

DALPIAN, Laurindo (trad.). **A conjuração de Catilina**. 1988. 131f. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1988.

DELLA MÉA, Célia H. P. Palavra, significação e cultura. In: DELLA MÉA, Célia H. P.; BORTOLUZZI, Valeria Iensen (Orgs.). **A palavra e suas representações**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011.

DUBOIS, Jean et al. **Dicionário de linguística**. São Paulo: Cultrix, 1978.

FAGGION, Carmen Maria. Chegar e pregar: dois diferentes processos de gramaticalização. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LÍNGUA PORTUGUESA, v. 2, n. 1, 2012. Uberlândia. **Anais...** Uberlândia: EDUFU, 2012. Disponível em: <<http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielpt/arquivos/sielpt2012/736.pdf>>. Acesso em: 25 jun. 2012.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. São Paulo: Parábola, 2005.

FARIA, Ernesto. **Dicionário escolar latino-português**. 3. ed. Rio de Janeiro: Fename, 1962.

GABAS JR., Nilson. Linguística histórica. In: MUSSALIM, Fernanda, BENTES, Ana Christina (orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2006. v. 1, p.77 - 103.

GARCIA, Afrânio. Semântica histórica. **Soletras**. São Gonçalo, v. 1, n. 2. p. 67-76, 2001.

GUIRAUD, Pierre. **A semântica**. Tradução Maria Elisa Mascarenhas. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1972.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

MARQUES, Maria Helena Duarte. **Iniciação à semântica**. 5. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 4. ed. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 1992.

NASCENTES, Antenor. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1955.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. **Manual de semântica**. Petrópolis: Vozes, 2008.

PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa. Temporada de caça ao dicionário. **Revista Língua Portuguesa**. São Paulo, v. 7, n. 78, p. 38-43, abr, 2012.

ROTH, Wolfgang. A semântica histórica: um campo abandonado pela linguística? **Filologia e linguística portuguesa**, São Paulo, n. 2, p. 61-79, 1998.

SAID ALI, Manoel. **Meios de expressão e alterações semânticas**. 3. ed. rev. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1971.

SILVA, José Bezerra da. **Malandro é Malandro e Mané é Mané**. 2000. Disponível em: <<http://letras.mus.br/bezerra-da-silva/44558/>>. Acesso em: 28 de junho de 2012.

TOLEDO, César de Alencar A.; GONZAGA, Maria Tereza C. (Org.). **Metodologia e técnicas de pesquisa**: nas áreas de ciências humanas. Maringá: Eduem, 2011.

ULLMANN, Stephen. **Semântica**: uma introdução à ciência do significado. Tradução J. A. Osório Mateus. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.

VIARO, Mario Eduardo. **História das palavras**: etimologia. 2012. Disponível em: <http://www.poiesis.org.br/files/mlp/texto_12.pdf>. Acesso em: 19 jul.2012.